

O ORGASMO NA VIDA SEXUAL DA MULHER CONTEMPORÂNEA

Keila Eloisa Machado Santos Prata¹; Carlos Alberto Dias²

ORGASM IN SEXUAL LIFE OF THE CONTEMPORARY WOMAN

Resumo: Embora as transformações ocorridas no último século tenham levado a mulher a reclamar o direito ao prazer, são encontrados, na prática clínica, pacientes cuja problemática está centrada na insatisfação sexual. Diante do temor de colocar em risco sua auto-estima e o relacionamento, a mulher faz uso da estratégia de simulação do orgasmo. Esta pesquisa tem como objetivo identificar as variáveis que levam a mulher, na atualidade, a simular o orgasmo durante o ato sexual. Para atendimento do objetivo proposto, utilizou-se de entrevista estruturada domiciliar, e de um formulário próprio para registro dos dados coletados. Participaram da investigação 200 mulheres com experiência sexual, residentes na cidade de Governador Valadares. Constatou-se que apesar de simularem o orgasmo, as mulheres se sentem competentes e realizadas. Foi também observado que quando tal comportamento se torna uma prática recorrente, o sentimento de amor para com o parceiro reduz-se gradativamente.

Palavras-chave: Simulação do orgasmo; auto-estima; ato sexual; sexualidade.

Abstract: Though the transformation that occurred during last century caused the woman to demand the right of pleasure, one finds patients – in clinical practice – whose problematical condition is centered around sexual dissatisfaction. In the face of fear of risking her self-esteem and the relationship the woman makes use of the strategy of orgasm simulation. This research aims at identifying the variables that cause the woman – in fact – to simulate orgasm during sexual intercourse. In order to attend to the proposed objective a structural home interview was used and a proper form to register the collected data. Two hundred women with sexual experience participated in the research, all residents of the city of Governador Valadares. One noticed that despite simulating orgasm the women feel competent and fulfilled. It was also observed that when such behavior becomes a regular practice the sentiment of love towards the partner reduces gradually.

Keywords: Orgasm simulation; self-esteem; sexual intercourse; sexuality

¹ Psicóloga Clínica. Engeseg Saúde Ocupacional e-mail: keila@engeseggv.com.br

² Doutor em Psicologia Clínica. Universidade vale do Rio Doce – MG.
e-mail: cdias@univale.br

Introdução

No Século XX, surgiram diversos estudos sobre a sexualidade humana, em especial, sobre a sexualidade feminina. Tais estudos se centram, principalmente, sobre o orgasmo clitoridiano e o orgasmo vaginal. Os autores de orientação psicanalítica não reconhecem o clitóris como importante elemento para o orgasmo feminino. Entendem que o orgasmo obtido através da manipulação do mesmo é imaturo e infantil. Diferentemente dessa visão, estudiosos do comportamento sexual desenvolveram pesquisas mais recentes nas quais observaram a importância do clitóris durante o ato sexual. Perceberam que, sendo o corpo humano sexualizado em sua totalidade, o saber fazer uso das áreas mais sensíveis para obter o orgasmo, é indicador de maturidade afetiva e sexual. Nesse caso, o clitóris se apresenta como área privilegiada, capaz, através de sua manipulação, de levar a mulher ao ápice do ato sexual, ou seja, a atingir o orgasmo.

Não existe um padrão específico de contato que, de forma infalível, favoreça a obtenção do orgasmo pela mulher. Esse último pode se manifestar em tempo, intensidade e topografia diferentes a cada contato. Isso serve de indicador de que, no tocante ao comportamento sexual, a flexibilidade dos parceiros e a abertura para vivenciar novas experiências se constituem nas principais qualidades para o sucesso nesse campo. Portanto, não há como estabelecer padrões específicos para a resposta sexual feminina. Cada mulher se estimulará sexualmente conforme sua história de vida pessoal, os sentimentos nutridos pelo parceiro, sua auto-estima, o nível de intimidade estabelecido entre ambos, sua capacidade de agir congruentemente nas diversas situações, entre outros. Master e Johnson (1976) consideram que o bom funcionamento sexual depende da integridade e da integração de três sistemas que constituem a pessoa: o fisiológico, o psicológico e os fatores socioculturais. Tudo que ameaça o nosso corpo, nosso psiquismo e nosso relacionamento social/afetivo é fator de risco, podendo levar a falhas sexuais.

Apesar dos avanços no campo do comportamento humano, da Sociologia, do Direito, e da socialização do conhecimento sobre o relacionamento humano em geral, os sujeitos têm sua vida sexual grandemente influenciada pelos valores culturais. Efetivamente, a cultura exerce controle sobre as atitudes e comportamentos sexuais, tanto no que diz respeito aos homens, quanto às mulheres. Embora seja considerado, atualmente, como fonte primária e especializada de prazer acessível a todos os cidadãos, o sexo, em seu aspecto erótico, é ainda rodeado de preconceitos, mitos, tabus e dogmas sujeitos a adaptações para atendimento a cultura particular. No livro *A conduta sexual humana*, Master e Johnson (1976, p. 158 e 159)

dizem que: “[...] a resposta sexual ao orgasmo é a prerrogativa fisiológica de muitas mulheres, porém, sua realização em nossa cultura pode ser mais dependente da aceitação psicossocial da sexualidade [...]”.

Existe uma cobrança excessiva para que tanto os homens quanto as mulheres alcancem o orgasmo a qualquer custo. Falhas na vida sexual, a rigor, não são consideradas comuns e, por tal motivo, passam a ser consideradas inaceitáveis e alvo de críticas e incompreensões. Aquele que apresenta dificuldades no campo da obtenção do prazer se sente fragilizado, temendo que sua situação o desvalorize como pessoa, atraindo, em consequência, críticas e menosprezo provenientes de seu parceiro. Por temer a indiferença do outro em relação à sua existência, dificilmente a mulher anorgásmica entende que, nas tentativas e erros, existe a fonte para o sucesso do ato sexual.

Outro aspecto a considerar é que a falta de confiança em si, as inibições diante do parceiro, a ansiedade e o medo podem atuar negativamente, dificultando o ganho de experiências e a naturalidade para o ato sexual. Essa visão negativa de si mesma tende a preservar as falhas e a reduzir, paulatinamente, a vontade de praticar o ato sexual. Como ilustração, vale citar Abdo quando diz:

Decepções sucessivas vão golpeando a auto-estima, preocupam e geram ansiedade, o que, por sua vez, aprisionam a pessoa num círculo vicioso, levando a mais falhas e a mais decepções. Constrangida, essa pessoa tende a se esquivar não só do sexo, mas do relacionamento em geral [...] (ABDO, 2004, p. 68).

Na sexualidade feminina, a desinformação, as crenças errôneas, os preconceitos religiosos e a não estimulação adequada da parceira, prejudicam a capacidade orgástica da mulher. Outros inimigos do alcance das aspirações sexuais dos parceiros é a falta de comunicação, a agressão, a falta de afeto, entre outros. Cada mulher tem sensibilidade e ritmo exclusivos e individuais. Ela deve conhecer com profundidade o modo como reage seu corpo aos estímulos de seu parceiro, suas zonas erógenas mais sensíveis, as técnicas de estimulação preferidas, para instruir seu companheiro quanto à melhor forma de usufruir do encontro sexual.

Cabe à mulher superar também seus pudores, eliminar crendices que a impedem de solicitar do parceiro, comportamentos mais adequados para o atendimento de suas expectativas. Além da maturidade dos parceiros que investem no jogo sexual, a ausência de elementos perturbadores contribui para o alcance do prazer e orgasmo durante o coito. Kusnetzoff relata que:

[...] O primeiro fantasma a ser afugentado pela mulher é o medo de ser rotulada de frígida; isto a leva a canalizar toda a vontade na obtenção do orgasmo, o que impede o abandono indispensável às sensações de gozo; ou a simular o clímax para satisfazer o companheiro e evitar o suposto ridículo. Qualquer dessas atitudes a deixa frustrada e insatisfeita e inicia-se um círculo vicioso muito difícil de romper [...] (KUSNETZOFF, 1988, p. 85).

O desinteresse pelo ato sexual por parte da mulher é, muitas vezes, produto do cansaço, do estresse excessivo e das preocupações com a vida cotidiana. Em outras, essa perda é decorrente da falta de sensibilidade do parceiro quanto às expectativas e necessidades da parceira. A preocupação da mulher pela sua resposta lenta à obtenção do orgasmo pode ser uma força aniquiladora, pois impede o relaxamento, conduzindo-a a uma inesgotável simulação orgásmica. Portanto, a exigência de orgasmo, antes e durante o coito, numa mulher que tenha dificuldades para dar esse modelo de resposta, pode ter um efeito muito destrutivo sobre a sua adequação sexual.

As exigências para se obter o orgasmo acabam por afastar a mulher das possibilidades de usufruir do prazer sexual e do próprio ato. No lugar de se iniciar um jogo descontraído e prazeroso pelo próprio ato de jogar, o ato sexual atinge um status de profissionalização, no qual a partida é considerada perdida pelo simples fato de não se ter marcado gols. Sendo assim, a mulher fica impossibilitada de uma interação com o parceiro, pois não se permite um prazer não genital, nem a satisfação com suaves carícias, por se acreditar que o fim único do ato sexual é a obtenção do orgasmo. A esse respeito, Kaplan diz que:

O propósito de satisfazer e dividir o prazer com o parceiro não é apenas desejável e saudável, mas uma condição para a boa relação sexual. Entretanto, a compulsão de agradar, de bem executar ou de servir e de não decepcionar pode ser uma poderosa fonte de emoção destrutiva [...] (KAPLAN, 1974, p. 136,137).

Os conflitos e temores sexuais criam várias defesas que interferem na entrega do ato sexual e no prazer, impedindo o funcionamento adequado de um comportamento sexual. As funções independentes que participam do processo sexual precisam estar inacessíveis ao controle consciente, para que elas possam fluir naturalmente. Para desfrutar do bom sexo, é preciso evitar todos os pensamentos alheios, para que a pessoa possa se entregar totalmente à experiência erótica. Segundo Kaplan (1974, p. 138), “[...] As pessoas ansiosas a respeito da sexualidade, em geral ficam ausentes de si mesma, mantêm um controle severo sobre as emoções e ficam observando as próprias relações sexuais [...]”.

Essa vigilância sobre o próprio comportamento sexual impede a liberação da fantasia erótica, um fator importantíssimo para o orgasmo feminino. Se uma mulher não se

permite fantasiar e se conhecer, descobrir as partes de seu corpo que mais respondem aos estímulos, não aprenderá a arte do prazer sexual. A mulher, além da necessidade de redescobrir seu clitóris e sua vagina como fontes de prazer, precisa também tomar consciência e permitir que todo o seu corpo tenha um papel essencial na obtenção do prazer e do orgasmo, no encontro sexual. Deve-se salientar que tal encontro não exige, necessariamente, o envolvimento de duas pessoas, como determinam os valores defendidos pelas sociedades cristãs. Efetivamente, para muitas mulheres, existe uma necessidade de que primeiro encontre a si mesma em termos sexuais, para então ser capaz de estabelecer uma relação autêntica com o outro. Outras mulheres, por mais autênticas que sejam na relação com o outro, por vezes podem sentir a necessidade de, em solitário, reavaliar os limites de seu corpo na obtenção do prazer.

Em outros termos, deve-se atentar para o fato de que a sexualidade humana envolve, além do ato sexual em si, outras atividades, como fantasias, pensamentos eróticos, carícias e auto-erotismo. As fantasias sexuais são pensamentos representativos dos desejos sexuais mais ardentes de uma pessoa e têm a função de complementar e estimular a sexualidade, tanto por ocasião do ato sexual com um parceiro, quanto da estimulação auto-erótica. Essa última é também um comportamento que denota uma maturidade sexual, quando não acompanhada de sentimentos de culpa e temores. O auto-erotismo consiste no toque e realização de carícias em si mesmo, enfocando especialmente as áreas de maior sensibilidade (áreas erógenas e genitais), com a finalidade de obter prazer.

No ser humano, as sensações sexuais despertadas, seja por fantasias, pelo auto-erotismo ou pelo ato sexual em si, ocorrem numa sucessão de fases que estão interligadas entre si, denominadas, por Cavalcanti e Cavalcanti (1992), Fases da Resposta Sexual Humana, que são a *apetência*, a *excitação*, o *orgasmo* e a *resolução*.

A apetência consiste numa fase em que fantasias, pensamentos eróticos ou visualização da pessoa desejada, despertam vontade de ter atividade sexual. Quando diante de um estímulo erótico, o sujeito se mantém inalterado em sua ação, tem-se o distúrbio denominado *Inapetência Sexual*. A excitação é a fase de preparação para o ato sexual, desencadeada pelo apetite sexual. Junto com sensações de prazer, surgem alterações corporais que são representadas basicamente na mulher, pela lubrificação vaginal (sensação de estar intimamente molhada) e, no homem pela ereção do órgão genital. Diante da não ocorrência de tais alterações, tem-se como diagnóstico a *Alteração na lubrificação vaginal*, na mulher, e a *Disfunção Erétil*, no homem. O orgasmo é o clímax de prazer sexual ou sensação de prazer máximo que ocorre após uma fase de crescente excitação. Na mulher, ocorrem contrações da

musculatura genital e, no homem a ejaculação. A não ocorrência desse fenômeno é denominada *Anorgasmia*, no caso da mulher, e a *Disfunção Ejaculatória*, no homem. A resolução consiste na sensação de relaxamento muscular e bem-estar geral que ocorre após o orgasmo. A mulher pode, logo após o ato sexual, ter novamente desejo, excitação e novo orgasmo, não necessitando esperar um tempo para que isso ocorra novamente. Vale ressaltar que a anorgasmia ou transtorno orgásmico feminino consiste “[...] numa inibição recorrente ou persistente do orgasmo feminino, manifestada pelo atraso ou ausência de orgasmo após uma fase normal de excitação sexual” (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997, p. 626).

É preciso desfazer o dano causado pelos mitos que rodeiam o orgasmo “vaginal e clitoridiano”. É um equívoco dizer que o orgasmo vaginal e clitoridiano são entidades biológicas distintas. Não existe qualquer diferença entre o orgasmo que se alcança com a estimulação direta do clitóris e aquele alcançado através da penetração vaginal, ou da estimulação de alguma outra zona erógena feminina. O que ocorre é que, depois de adequada e suficiente estimulação do clitóris, a penetração, com seu movimento de vai e vem, aumenta ainda mais o prazer da mulher. Nesse sentido, o clitóris e vagina formam um dueto de funcionamento peculiar e que conduzem a mulher a um orgasmo intenso. Para ilustrar o trecho acima, é importante citar Cavalcanti e Cavalcanti quando dizem que:

...] Não existe nenhuma diferença entre o orgasmo que se obtém com a estimulação direta do clitóris, da vulva, através da penetração vaginal, anal ou da estimulação de qualquer outra zona erógena do corpo da mulher. Na fisiologia, o clitóris tem uma importante missão: servir de receptor dos estímulos sexuais, sejam eles somatogênicos ou psicogênicos. O foco primário da resposta sexual é o corpo do clitóris e, não, a glândula. Isto elimina a preocupação de muitos homens que se detêm a estimular a glândula, procurando-a com obstinação (CAVALCANTI E CAVALCANTI, 1992, p. 101).

Tem-se, atualmente, enfatizado a necessidade compulsória de que a mulher atinja o orgasmo durante suas relações sexuais. Nesse contexto, a obtenção do orgasmo passou a ser considerada a certificação da feminilidade da mulher, que deve acompanhar, necessariamente, todos os atos sexuais. Essa imposição social foi a tal ponto introjetada que o orgasmo tornou-se uma meta obrigatória a ser alcançada. As pessoas se esforçam, procuram-no, fazem concepções arrebatadoras a seu respeito e, quando não conseguem atingi-lo, não raro buscam soluções inadequadas para provar sua “normalidade” sexual.

O orgasmo tem sido muito discutido nos últimos tempos, pela sua importância entre as mulheres. Ao adquirir maior consciência de sua sexualidade, após séculos de quase total submissão, a mulher procura atingir e mostrar todo o seu potencial sexual e deixar de ser

considerada frígida. Conhecer as múltiplas causas que mantêm essa situação é o primeiro passo para a mulher solucionar eficazmente tal dificuldade e, juntamente com o homem, obter plena gratificação sexual. Muitas mulheres não atingem o orgasmo nas relações, mas isso não interfere de modo significativo em seu relacionamento com o parceiro. Outras, porém, sentem-se diminuídas e frustradas com essa situação, que pode perturbar inteiramente sua vida conjugal.

O chegar ao orgasmo constitui um crescimento pessoal, e não é uma experiência isolada de prazer físico e psicológico. Ele não depende só da excitação sexual, mas, sobretudo, da capacidade de entregar-se às sensações eróticas, de sentir-se à vontade consigo mesma, de amar-se e de amar o seu parceiro sexual. O orgasmo não pode ser uma ocorrência que nasce de uma exigência do parceiro ou da sociedade. Ele deve ser e é o resultado de um processo de crescimento e amadurecimento sexual da mulher.

Para viver essa experiência, é necessário acostumar-se à entrega, o que quer dizer abandonar-se às próprias sensações, descobrir o que gosta e o que não gosta durante o contato sexual, e compartilhar com o parceiro suas necessidades e desejos. Sem ser a solução do seu problema, porém, com o medo de que o parceiro descubra sua dificuldade e a abandone por isso, a mulher muitas vezes finge o orgasmo. Contudo, essa atitude a longo prazo, tem como resultado a incapacidade da mulher em revelar ao parceiro suas dificuldades sexuais e, ainda, colocar em risco o sucesso da relação conjugal e de sua saúde psicológica.

O presente trabalho pretende levantar dados sobre a simulação do orgasmo presente na vida da mulher contemporânea. Em outros termos, esta investigação procura respostas para a questão formulada nos seguintes termos: *Que motivos ainda levam mulheres, no Século XXI, a simular o orgasmo?*

Metodologia

Em termos gerais, esta investigação procurou identificar as variáveis que levam a mulher, na atualidade, a simular o orgasmo durante as relações sexuais. Para isto procurou-se identificar, dentre as mulheres que possuem experiência sexual, aquelas que simulam ou que já simularam orgasmo em algum momento de suas vidas; verificar a existência de anorgasmia nas mulheres que simulam ou já simularam o orgasmo em suas relações sexuais; efetuar um levantamento das variáveis que induzem as mulheres a simular ou já ter simulado o orgasmo, durante o ato sexual; apontar, dentre as diversas variáveis, aquelas que mais induzem ou induziram as mulheres a simular o orgasmo; verificar se o comportamento de simulação do

orgasmo é mais frequente entre as mulheres anorgásmicas ou entre aquelas que não apresentam tal patologia.

Para a coleta de dados utilizou-se de entrevista estruturada domiciliar contendo 17 questões, durante a qual os dados foram registrados em um formulário próprio criado especificamente para essa pesquisa. Os seguintes temas foram abordados durante a entrevista: perfil das participantes (idade, escolaridade, religião e situação familiar), relacionamento sexual (existência de parceiro fixo, satisfação com o parceiro, satisfação sexual, função do ato sexual, função do orgasmo, ocorrência e frequência de orgasmos), simulações do orgasmo (no passado, no presente, motivos, frequência, conseqüências e sentimentos provocados). Os dados foram posteriormente processados com o auxílio do programa SPHINX.

Para participar da pesquisa as mulheres deveriam ser residentes na cidade de Governador Valadares, possuidoras de experiência sexual e ter idade mínima de 18 anos. A composição do grupo de mulheres entrevistadas fez-se através dos seguintes passos: de posse da carta de recomendação expedida pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Univale, e empregando a técnica “*bola de neve*”, foram identificadas as primeiras, e as mulheres subseqüentes interessadas em participar da pesquisa. Para as mulheres que se prontificaram a participar da pesquisa, e que atendiam aos critérios de inclusão, foram informados os objetivos da mesma, bem como realizado o agendamento do dia e horário da entrevista domiciliar. No início da entrevista domiciliar foi esclarecido que a participação se fazia por livre consentimento e que lhes era resguardado o direito de se recusarem a responder a qualquer questão que pudesse constrangê-las e, ainda, que poderiam até mesmo destruir o formulário, caso não pretendessem continuar fazendo parte da pesquisa. Na oportunidade, foi também assegurado o anonimato das respostas contidas no formulário. O tempo médio das entrevistas foi de 31 minutos.

Resultados e discussão

Fizeram parte da pesquisa 200 mulheres com idade média de 32 anos, divididas em três categorias: 51%, abaixo de 30 anos; 31%, de 30 a 45 anos, e 18%, acima de 45 anos. Quanto ao estado civil, 49% são casadas, 41% solteiras e 10% divorciadas. No que se refere à escolaridade, 64% possuem ensino superior; 22% ensino médio, e 14%, ensino fundamental. No tocante à adesão religiosa, 65% são católicas; 30%, protestante, e 5%, espíritas.

Dentre as entrevistadas, 84,8%, possuem vida sexual ativa e 15,2% inativa. Nesse grupo, estão incluídas mulheres solteiras, divorciadas e viúvas. Levando-se em consideração o

percentual de solteiras e o das que não possuem vida sexual ativa, pode-se constatar que a atividade sexual não está diretamente relacionada com o estado civil da mulher. Caso contrário, o número das inativas deveria ser superior a 41%. Este dado revela que os valores cristãos, que se constituem num dos alicerces da cultura brasileira, aparentemente, não são mais os determinantes do modo como a população gerencia sua vida sexual.

Em sua quase totalidade, 82,4% das entrevistadas possuem parceiro fixo, e apenas 17,6% não o possuem. Não possuir parceiro fixo significa, no caso, estar vivendo uma situação na qual inexistem, ainda, um compromisso formal, ou quase formal, entre as mulheres desse grupo e os homens com os quais se relacionam. Existe, atualmente, uma tendência de não se envolver formalmente antes que o casal tenha certa garantia de que a relação possa, pelo menos aparentemente, ser bem sucedida. A atividade sexual, nesse contexto, constitui-se numa opção a mais de encontro e conhecimento dos limites e possibilidades do possível futuro companheiro.

Dentre aquelas que possuem parceiro fixo, 42,4% revelam estar muito satisfeitas no que diz respeito ao relacionamento afetivo. Esse percentual se repete para aquelas que se sentem satisfeitas. As que estão insatisfeitas correspondem a 15,2%.

A título de reflexão, vale ressaltar que podem surgir dúvidas quanto àquelas que se dizem satisfeitas. Efetivamente, esse grupo se encontra numa zona fronteira entre as insatisfeitas e as muito satisfeitas. Tem-se, então, uma possibilidade de que, em condições adversas, o percentual das insatisfeitas possa ser acrescido, significativamente, podendo o mesmo ocorrer com o grupo das muito satisfeitas diante de condições favoráveis.

Quanto às funções do ato sexual, 56,6% das entrevistadas acreditam que o ato sexual tem como função fortalecer o amor e a cumplicidade; 31,2% consideram que o ato serve para obter prazer. Apenas 8,6% consideram que o ato tenha como função cumprir o dever conjugal, e uma parcela ainda menor, 3,6%, coloca acento sobre a função de procriar. A grande porcentagem daquelas que acreditam que o ato sexual tem como função fortalecer o amor e a cumplicidade é um indicador de que grande contingente de mulheres ainda se esforça em satisfazer o parceiro. Nesta ação procuram garantir a continuidade do relacionamento, em vez de procurar possibilidades que as façam sentirem-se satisfeitas, em decorrência de uma prática sexual saudável e bem sucedida.

A falta de priorização para a própria vida sexual e afetiva reflete, diretamente sobre o modo como as entrevistadas vivenciam sua prática sexual. O preocupar-se com o bem-estar do parceiro durante o ato sexual inviabiliza a obtenção do orgasmo pela mulher. Efetivamente, ela não se põe numa situação na qual possa se render ao prazer, ao invés de

render-se ao parceiro. Dentre as entrevistadas, 22,8% vivem uma problemática centrada na insatisfação sexual e no não atendimento às suas expectativas por ocasião do ato sexual.

Embora o nível de satisfação das que se sentem muito satisfeitas aproxime-se daquelas que se dizem satisfeitas, boa parcela das satisfeitas podem, de forma similar ao que ocorre em relação à satisfação afetiva, posicionarem-se no grupo das insatisfeitas. Existe uma aproximação percentual entre aquelas que se sentem muito satisfeitas afetivamente, e aquelas que se dizem muito satisfeitas sexualmente. Contudo, a insatisfação sexual é superior à insatisfação afetiva. Esse dado demonstra que afetividade e sexualidade não são dois lados de uma mesma moeda. Pode-se estar satisfeita afetivamente com o parceiro, sem que isto ocorra, necessariamente, com os momentos de encontro sexual.

Em relação às funções do orgasmo, julgou-se mais adequado tomar como referência aquelas que admitiram simular o orgasmo ocasionalmente, ou em todas as vezes em que não o obtiveram durante o ato sexual. A observação dos dados constantes no Quadro 1, demonstra que existe, na atualidade, grande preocupação feminina com o sentimento de masculinidade e equilíbrio emocional do parceiro. Efetivamente, dessas mulheres, 44,4% encenam o prazer diante do parceiro, visando diretamente o fortalecimento do relacionamento. Um maior número delas (55,6 %), ao simularem o orgasmo, tem sua atenção voltada para o bem estar psicológico do parceiro.

Função do orgasmo	Frequência	Porcentagem
Fortalecer o amor e a cumplicidade	48	38,10%
Manter a auto-estima e equilíbrio emocional do parceiro	43	34,20%
Manter o sentimento de competência sexual do parceiro	27	21,40%
Garantir a fidelidade do casal	8	6,30%
TOTAL	126	100%

Quadro 1: Função do orgasmo

Além desses dados evidenciarem mais uma vez a característica servil da mulher diante do parceiro, eles conduzem a outro questionamento, ainda mais importante: como está o diálogo entre os sexos, num mundo em que os meios de comunicação contam com as mais evoluídas tecnologias? Se, de um lado, os meios de comunicação tiveram considerável evolução tecnológica objetivando promover a comunicação e a construção de sofisticados equipamentos, pouca evolução tem sido observada na comunicação íntima, onde os instrumentos facilitadores são, já de longa data conhecidos, pelos sujeitos: os corpos e a cama.

Segundo depoimentos das entrevistadas, o orgasmo começa a fazer parte do dia-a-dia da maioria das mulheres. Apenas 7% sofrem de anorgasmia total, e 23%, de anorgasmia parcial. A grande maioria, 70%, consegue obter o orgasmo nas suas relações sexuais.

Os diversos motivos que levam as mulheres a simularem o orgasmo podem ser agrupados em quatro categorias. Um total de 38,5% o fazem para encurtar o tempo de relações não prazerosas; 24% para garantir a continuidade do relacionamento; 20,2% para não revelar ao parceiro suas dificuldades sexuais; e 17,3% para manter o sentimento de competência sexual do parceiro. Percebe-se que a maior parte das entrevistadas prefere assumir o comportamento de simulação, por não vislumbrarem uma ação mais assertiva para a elevação da qualidade do relacionamento.

Conforme pode ser observado no Quadro 2, no tocante ao relacionamento afetivo com o parceiro, as mulheres acima de 45 anos se sentem mais insatisfeitas do que as mais jovens. Aparentemente, tal ocorrência é decorrente do fato de que, com a maturidade, as mulheres passam a demandar maior afeto e expressam isto diante de seus parceiros. Já as mais jovens, movidas pelo temor de colocar em risco o relacionamento, contentam-se com o que o outro é capaz de lhes proporcionar.

Idade / Rel. afetivo	Muito satisfeita	Satisfeita	Insatisfeita	Total
Abaixo de 30	48,40%	43,20%	8,40%	100%
De 30 a 45	36,20%	44,80%	19,00%	100%
Acima de 45	36,70%	33,30%	30,00%	100%
TOTAL	42,60%	42,10%	15,30%	100%

Quadro 2: Cruzamento de variáveis: idade e nível de satisfação com o relacionamento afetivo

O que ocorre em relação à afetividade tende a se repetir no tocante ao relacionamento sexual. No grupo de mulheres entre 30 a 45 anos, e no grupo acima de 45 anos, é que se pode encontrar um maior percentual de insatisfação sexual, 31% e 30%, respectivamente. Convém salientar que, entre as mulheres mais jovens e aquelas que possuem uma vida assoberbada com o trabalho e a família, o nível de insatisfação sexual é superior ao de insatisfação afetiva. Isso é um indicador de que falar de sexo, ou colocar em cheque o parceiro, constitui-se ainda, no ponto fraco do grupo feminino.

Idade / Rel. sexual	Muito satisfeita	Satisfeita	Insatisfeita	TOTAL
Abaixo de 30	44,20%	41,10%	14,70%	100%
De 30 a 45	31,00%	37,90%	31,00%	100%
Acima de 45	30,00%	40,00%	30,00%	100%
TOTAL	37,70%	39,90%	22,40%	100%

Quadro 3: Idade X Nível de satisfação com o relacionamento sexual

Conforme o Quadro 4, não existe grande discrepância no comportamento de simulação do orgasmo, de acordo com a idade. A ocorrência de tal comportamento pode ser observada em mulheres de idades variadas, desde as mais jovens até às mais maduras. As mulheres do Século XXI, apesar de todas as suas conquistas sociais, não têm dado a devida atenção ao próprio prazer sexual. Sua atenção se volta ainda, prioritariamente, para o prazer do seu parceiro ou para a manutenção do relacionamento, independentemente da qualidade do mesmo. Em sua quase totalidade, as mulheres simulam ou já simularam o orgasmo a fim de encurtar o tempo das relações não prazerosas. Conseqüentemente, o seu bem estar físico e psicológico vai sendo gradativamente reduzido, pois a constante simulação pode ocasionar uma redução do desejo de praticar o ato sexual.

Idade / Orgasmo	Sim	Não	TOTAL
Abaixo de 30	95,10%	4,90%	100%
De 30 a 45	87,10%	12,90%	100%
Acima de 45	97,10%	2,90%	100%
TOTAL	93,00%	7,00%	100%

Quadro 4: A simulação do orgasmo de acordo com a idade das entrevistadas

Os dados revelam que a simulação do orgasmo pela mulher não está diretamente associada ao tipo de vínculo estabelecido com o parceiro. Ela pode ocorrer, igualmente, durante o ato sexual praticado entre ficantes, namorados, noivos, amantes ou casados. Pode-se observar, a partir do Quadro 6, que não existe um padrão crescente ou decrescente da simulação do orgasmo conforme o tipo de relacionamento.

Estado Civil / Simulação atual	Sim	Não	TOTAL
Casada	55,10%	44,90%	100%
Solteira	45,70%	54,30%	100%
Divorciada	60,00%	40,00%	100%
TOTAL	51,80%	48,20%	100%

Quadro 6: Simulação do orgasmo em função do estado civil

Várias são as conseqüências sofridas pelas mulheres em decorrência da repetida simulação do orgasmo. Conforme o Quadro 7, das mulheres entrevistadas, 32,4% acreditam que o longo tempo de simulação orgásmica tem como conseqüência a redução do desejo de praticar o ato sexual; 20,3% desenvolvem uma ansiedade diante da procura do parceiro para o ato sexual; 15,9% sentem desejo de romper com o relacionamento para não ter que fazer amor

com o parceiro; 14,8% acreditam na redução do amor para com o parceiro; 11% experimentam um aumento do sentimento de irritação; e 5,5% se sentem inibidas diante de mulheres que se sentem sexualmente felizes. A situação de silêncio vivida pela mulher, no tocante à sua sexualidade, coloca em questão seu grau de realização pessoal, bem como a continuidade do relacionamento que tenta proteger. Fala-se aqui, de realização no sentido sexual, pois, é pelo prazer e, mais precisamente pelo orgasmo, que a mulher se sente plena fisicamente. A anorgasmia feminina rouba das mulheres a oportunidade de conhecerem os limites e possibilidades de seu próprio corpo, sobretudo, quando não o experimentam mesmo em situações ocasionais.

Conseqüências da repetição da simulação orgásmica	Frequência	Porcentagem
Redução do desejo de praticar o ato sexual	59	32,40%
Ansiedade quando procurada para o ato sexual	37	20,30%
Desejo de romper para não ter que fazer amor com o parceiro	29	15,90%
A redução do sentimento de amor pelo parceiro	27	14,80%
Aumento do sentimento de irritação, "nervos à flor da pele"	20	11,00%
Inibição diante de mulheres que se sentem sexualmente felizes	10	5,50%
TOTAL	182	100%

Quadro 7: Conseqüências da repetição da simulação do orgasmo

Observou-se que 76,10% das entrevistadas se sentem felizes com o que realizaram, e acreditam que, com sacrifícios, alcançarão outros sonhos. Pode-se dizer que a simulação do orgasmo está muito mais ligada à educação recebida e à cultura, do que ao modo como a mulher se julga quanto ao ser mulher. Tal ato é visto como uma estratégia normal, a ser utilizada, para não colocar em risco o relacionamento com o outro, ou para criar um maior sentimento de competência pessoal no parceiro. De certa forma, não demonstrar a verdade, fazê-lo acreditar que é co-responsável pelo prazer da parceira, é entendido como um ato de desprendimento da mulher em função daquele que ama ou que pretende como amante. A simulação parece ser uma das diversas estratégias que a mulher aprende a utilizar para ter sucesso pessoal, afetivo ou profissional. No entanto, essa simulação não é um fator determinante em reduzir o sentimento de feminilidade e de competência pessoal; ao contrário, o ser capaz de simular orgasmo é, em si, uma habilidade que serve para confirmar sua competência na arte de ser mulher. Ela é capaz, entre outras, de convencer o parceiro de que está lhe oferecendo o que deseja dela.

Nível de satisfação pessoal	Frequência	Porcentagem
Estou feliz com o que realizei, com sacrifícios alcançarei outros sonhos	150	76,1%
Sinto-me competente, realizada e capaz de vencer qualquer obstáculo	29	14,7%
Não realizei a maioria dos sonhos, penso que devo ficar satisfeita com o que tenho	12	6,1%
As mulheres vieram ao mundo para sofrer; melhor seria ter nascido homem	6	3,0%
TOTAL	197	100,0%

Quadro 8: Nível de satisfação pessoal

Conclusão

Em termos globais, ocorreram grandes transformações na vida sexual das mulheres. Porém percebe-se que muitas se veem, ainda, presas a valores culturais, que as impedem de usufruir do prazer sexual de forma irrestrita e completa. Outro aspecto a considerar é a falta de liberdade do casal de falar ou discutir o relacionamento sexual. Como consequência da falta de diálogo, as mulheres ficam em situação de falta, diferentemente do que ocorre com o homem. Não falar de suas necessidades e desejos sexuais, leva a mulher a simular o orgasmo, considerando este comportamento como necessário para dar continuidade a um relacionamento que se lhe apresenta como instável. O sucesso alcançado nesse comportamento gera a repetição. Por sua vez, a prática continuada desse ato reduz sua capacidade de agir sexualmente de forma adequada e, ainda, gera uma redução do desejo de praticar o ato sexual.

Por outro lado, existe atualmente uma cobrança excessiva sobre a obtenção do orgasmo feminino durante o ato sexual. Em função disso, a mulher contemporânea tem vivenciado o orgasmo não como um bem próprio do ato sexual, mas como uma exigência para que se garanta a continuidade do relacionamento com o parceiro. Em decorrência, quando não se adapta à simulação, a mulher se lança numa busca quase compulsiva em obter o orgasmo a qualquer custo. Quando não consegue, decepiona-se consigo própria ou lança-se numa busca por um parceiro ideal. Parece não existir a percepção de que por mais que seja importante a obtenção do orgasmo, esse deve ser gratuito, autêntico. Essa autenticidade implica no estabelecimento de comunicações mais assertivas e do reconhecimento, tanto pelo homem quanto pela mulher, de que o ato sexual é um brincar. Um brincar sem competições, onde cada um dos parceiros, ao querer continuar a brincadeira, fazem-no por prazer e, não, como uma obrigação.

Referências Bibliográficas

- ABDO, C. H. N. **Descobrimento sexual do Brasil:** para curiosos e estudiosos. São Paulo: Summus, 2004. 143p.
- CAVALCANTI, R.; CAVALCANTI, M. **Tratamento clínico das inadequações sexuais.** São Paulo: Roca, 1992. p. 98-106.
- KAPLAN, H. S. **A nova terapia do sexo:** tratamento dinâmico das disfunções sexuais. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974. p. 128-141.
- KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. **Compêndio de psiquiatria.** 7ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KUSNETZOFF, J. C. **A mulher sexualmente feliz.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 77-86.
- MASTER, W. H; JOHNSON, V. E. **A conduta sexual humana.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976. p. 153-160.